SBH
Pi JCZ P45 Lle
51/03121
Folha da manhã
nº 4

ANDRE' GIDE

"Pour vivre heureux il faut faire peu de reflexions sur la vie mais sortir souvent comme hors de soi; et parmi les plaisirs que fournissent les choses etrangéres se dérober la connaissance de ses propres maux.

ST. EVREMONT.

De SERGIO BUARQUE de HOLLANDA

Menos que a de qualquer outro escritor francês contemporaneo, a fisionomia literaria de André Gide se ajustaria a uma visão do conjunto que abrangesse todos os seus aspectos tão varios e certas vezes tão discordantes entre si. E é por esse motivo que eu me permito considerar cada um desses aspectos isoladamente, tentando estabelecer contudo a maior harmonia, a maior unidade possivel entre as diversas considerações. E' que apesar das discordancias, apezar das aparentes contradições entre aqueles aspectos, não ha duvida, subsiste em todo o caso, um traço de união que os torna inconfundiveis á primeira vista. Gide comparou essa unidade subsistindo através da mais infinita variedade, ao fio que prendia Theseu a um amor passado, sem o impedir de atravessar as paizagens mais diversas.

Eis a sua importantissima descoberta: **a vitoria do individualismo, está na renuncia á individualidade**. E ele acredita ter encontrado o verdadeiro sentido das palavras do Evangelho: Aquele que quer salvar sua vida (sua vida pessoal), perde-la-á, mas aquele que quiser perde-la, salvá-la-á (ou para traduzir mais exatamente o termo grego **torna-la-á verdadeiramente viva**). (1) Essas palavras correspondem aquela sua idéia predileta.

E o que significará para Gide a expressão **renuncia á individualidade**. E' inutil tentar uma interpretação em desacordo com a do senso comum. Nas **Nourritures Terrestres**, Menalque diz: "Nathaniel — car ne demeure fas auprés de ce qui te ressemble; ne **demeure** jamais, Nathaniel. Des qu'un environ á pris ta ressumblance, ou que toi tu t'es fait semblabe á l'environ — il n'est plus pour foi profitable. Il te faut le quilter".

A idéia de que a felicidade é **necessaria** ao homem, reveste-se na obra de Gide de todas as fórmas. E' uma preocupação constante. "Que l'homme esa né pour le bonheur, certes toute la nature l'enseigne", diz um dos fragmentos prematuramente publicados no **Nouvelles Nourritures**. Ele nos mostra que é o **esforço para a volupia** que faz germinar a planta, que enche as colmeias de mel e o coração humano de bondade. Gide não diz simplesmente **a volupia**, mas sim **o esforço para a volupia**. Essa distinção é da mais alta importancia desde que se quer compreender o verdadeiro sentido de sua obra. Assim, não é bem a **felicidade** o que ele procura "pois precisamente "o que se procura" é que se chama felicidade". Nesse como em muitos outros pontos o seu pensamento coincide estranhamente com o de Nietzche Ainda recentemente, um critico alemão, o professor Richard Meyir via em Gide, o "anunciador de uma nova geração inimiga de qualquer contacto com o passado, um discipulo francês de Nietzche (ein franzosischer Schuler Nietches).

Mas o autor em quem as primeiras obras de Gide mais fazem pensar é talvez Roberto Browening. Como no poeta inglês o desejo veemente de volupia é em Gide capaz de transpor ou de suprimir todas as barreiras. Ao contrario dos seus contemporaneos Wordsworth e Tennyson, deste especialmente, que exaltava como necessaria para a vida a fé proveniente do controle de si proprio, o autor de **Pipa passes** imagina que todo e qualquer controle é prejudicial.

... al that checks your will
All prohibition to lie, kill and thieve
or ever au atheistic priest.

A idéia de que são nocivas as inaerdições do Decalogo e de que a "força o amor e a vontade", bastam para restringir, suprimir ou substituir aquelas interdições é frequente não só na obra do poeta inglês como tambem na de Gide. (2)

Logo nas primeiras paginas da **Symphonic Pastorale** ele se revolta contra as objeções que os homens se divertem em inventar contra tantos atos que sem elas se poderiam fazer tão facilmente. "Desde a infancia", nos diz ele, "quantas vezes não somos impedidos de fazer o que desejariamos fazer, simplesmente porque ouvimos repetir em torno de nós: ele não poderá fazer..." Na **Tentative Amoureuse** ele insinua um pensamento que vamos encontrar desenvolvido no segundo caderno da **Symphonie Pastorale**: "Não encontro precisamente proibições na doutrina do Evangelho". Não se engana quem disser que Gide como o pastor da **Symphonie** escolhe na doutrina do Evangelho " que lhe agrada". Mas o que lhe agrada é exatamente a palavra do Cristo.

"Não escolho tal ou qual palavra do Cristo. Simplesmente entre o Cristo e São Paulo escolho o Cristo".

Ele vê no Evangelho sobretudo um **metodo para chegar á vida bemaventurada**. O estado de alegria não lhe parece nada menos que um estado obrigatorio para o cristão pois "impede a nossa duvida e a dureza de nossos corações". "Cada sér é mais ou menos capaz de alegria. Cada sér deve tender para a alegria".

Todas as sortes de interdições e de obstaculos parecem-lhe não como essenciais á doutrina em si mas á doutrina desvirtuada pelos homens. Parecem-lhe estupidas e desgraçadas as almas que tomam os obstaculos por fins. "Não ha **fins**, as coisas não são fins ou obstaculos — não, nem mesmo obstaculos; é bastante transpo-los". Apezar disso ele não deixa de reconhecer um **fim**. Esse fim unico é Deus; **"nós não o perderemos de vista pois ele é visto através de cada coisa"**. (3) E' frequente em seus escritos a insinuação de que virtude e felicidade são sinonimos. Nas **Nourritures** essa identidade adquire uma expressão mais viva: "Não distingue Deus da tua felicidade e coloca tua felicidade no instante". Este e outros preceitos de Gide recordam não raro o Schwob do **Livro de Monelle**: "Olha todas as coisas sob o aspecto do momento". ou "Não carrega contigo o cemiterio. Os mortos dão a pestilencia". Ou "Todo o pensamento que dura é contradição". Nada lhe parece mais abominavel que o repouso, os quartos fechados, o pensamento fixo, implantado, **enraizado**. Nas Poesias de André Walter ele nos dá frequentemente a impressão de monotonia. O diagnostico mais seguro e o unico é a ação. Essa idéia póde se superpôr á idéia essencial de Browning, expressa com tanta eloquencia no poema **Up at a Villa-Down in a City**. Em uma das estrofes o poeta começa por falar na monotonia da vida campestre, opondo-lhe a vida intensa das cidades. E depois de ter escrito a vida dos campos, exclama subitamente: "Oh, a day in the city square, there is no such pleasure in life". E' que Browning foi essencialmente um poeta da "vida intensa". Ele poderia ter dito como aquele personagem de Hamsum, que esperava depois da sua morte encontrar um lugar em cima de Londres ou de Paris, para sentir de longe a miserdem das grandes aglomerações humanas. E creio que ele preferiria mil vezes essa situação á vida eterna tal como nos aparece no **Paraiso** de Dante, onde toda a felicidade se circunscreve ao socego da alma, á supressão dos desejos terrenos, ao repouso absoluto do espirito. Mas nesse ponto o seu pensamento se resumia numa quasi inconciente ortodoxia cristã. Ele não diz o diretamente mas sente-se, que essa vida depois da morte, se não lhe repugna quando muito não lhe agrada. O seu horror á morte não responde a um horror ás debilidades do corpo, que é uma fórma do pessimismo, mas a um amor demasiado á vida, quer dizer, á intensidade da vida, a um desejo de que ela se prolongue indefinidamente, bôa ou má, pouco importa, contanto que cada momento corresponda a um imprevisto e a uma novidade. Na terra estão os "arcos quebrados", ele os desejaria por toda a eternidade. Sordello abandona por um ideal impossivel o de amar as dores e os ais de toda a "imensa e sofredora multidão da terra", o amor e os prazeres deste mundo. O resultado é que ele morrer sem ter conciuido nada do que tentara. E muitos anos depois Nietzche escreve este aforisma que podia ser a moralidade daquele drama pungente.

"Irmãos, eu vos suplico, **fiqueis fieis á terra** e não acrediteis naqueles que vos seduzem com a esperança de uma outra vida! São envenenadores, consc ientes ou não".

Em Browning o sentida da terra traluz-se num principio de lucro. O seu otimismo corresponde a um processo de adição cotinua:

What enter into thee
That was, is and shall be

A unica coisa que o detem diante das experiencias desta vida, é a possibilidade de perda, e a sua pergunta constante confunde-se com a do bispo na Bishop Blougram's Apology: "Where's the gain?". A' questão oposta responde um de seus personagens: "Lose? Talk of loss and I refuse to plead at all". O seu biografo Sutherland Orr ensina-nos que "ele sempre contava como um dia perdido aquele em que nada houvesse escrito". Em outra passagem de sua **Life of Robert Browning** refere-se á convicção continua do poeta de que a sua ultima obra devia ser naturalmente a melhor por ser o resultado de uma experiencia mental mais complcta e de uma pratica maior em sua arte. Esse principio de lucro "compõe uma das faces mais carateristicas de sua concepção afirmativa da vida. Não é facil separa-lo do pensamento essencial de Browning. Dir-se-ia que este **acumula** suas sensações, esquecendo de estabelecer a sintese necessaria. Gide entretanto realça quasi sempre o pensamento oposto. "A cada pequeno momento de minha vida", diz ele, "eu pude sentir em mim a totalidade de meu bem. Ele era feito, não pela adição de muitas coisas particulares, mas pela sua unica adoração". Em todo o caso, não deixa de subsistir aqui o "principio de lucro" de Browning. E eu creio que não seria preciso muito esforço para encontrar a sua expressão nos livros já numerosos de quem escreveu o "Imoralista".

Seria quasi impossivel tentar definir a exata posição que ocupa a obra de André Gide na literatura contemporanea, particularmente na literatura francêsa, sem falar em um dos instintos que ele exalta mais frequentemente. E' o instinto de **diversão**. Não o interessa a ação, senão enquanto ação. Pouco ou nada lhe preocupa a ação tendo em vista a causa que a determina ou ainda a ação em função de um fim determinado a **priori**. Satisfaz-se apenas no ato desinteressado, na ação pela ação (o ato gratuito de que nos fala o **Promethée mal enchainé**). Lafcadio em **Les Caves du Vatican** imagina e pratica um crime imotivado atirando o pobre Fleurissoire pela janela de um wagon italiano e a sua unica reflexão é: **"Ce n'est pas tant des evenements que j'ai curiosité, que de moimême.** Ação prevista antecipadamente significa ação paralisada. A previsão fixa e enraiza. E' necessario agir sem olhar para traz. E agir sem ter em vista um fim. "Desgraçado de ti se dizes que tua felicidade está destruida porque não sonhaste tua felicidade **assim** — e que só a admites conforme os teus desejos". Ao autor das **Nourritures Terrestres** só agradam as "alegrias de encontro" (ex.: "ne cherche pas dans l'avenir, a retrouver jamais le passé"). Não admite a ação que tenha o repouso por limite, mas aquela que sucede e precede a outras ações diferentes. O delicioso diario de Alissa na **Porte Etroite** tem algumas passagens que ilustram suficientemente essa idéia, principalmente aquela em que

Quand nous avons vu que la petite porte etait fermée
Nous sommes restés longtemps á pleurer;
Quand nous avons compris que ça ne servait pas a grand'chose
Nous avons repris lentement le chemin.
Tout le jour, nous avons longé le mur du jardin,
D'ou parfois nous venaient des bruits de voix et des rires;
Nous pensions qu'il y avait peut-être des fêtes sur l'herbe,
El cette idée lá nous faisait melancoliques.
Le soleil vers le soir a rongé les murs du pare;
Nous ne savions pas ce que s'y passait, car on ne voyait
Rien que des branches qui, par-dessus le mur, s'agitaient
Et qui laissaient de temps em temps tomber des feuilles.

E' aqui que age o **instinto de diversão**: "ne demeure pas auprés de ce qui te ressemble". A lição das **Nourritures** é o inverso do que nos ensinou o autor do **Discurso sobre as Paixões do Amor**. Para este o homem deve encontrar dentro de si mesmo o modelo dessa beleza que ele procura fóra. Ou, para empregar a sua propria expressão: o original cuja copia procura pelo mundo. Para Gide só o prazer **inesperado** póde produzir a felicidade: a sensação imprevista que cada homem póde encontrar saindo de si mesmo (**il faut sortir souvent comme hors de soi**, dizia St. Evremond). Não lhe repugnam as palavras de Pascal: "O **Eu** é odioso". Mas o sentido dá sua interpretação não cabe nessas quatro palavras. O **Eu** é odioso. Sim, mas o **Eu** de ontem, não o de hoje.

O individualismo de Gide que não se concilia em absoluto com o egoismo romantico das primeiras decadas do seculo XIX encontra-se todo ele naquela formula feliz: renuncia á individualidade. A sua divergencia da tése barrésiana reside principalmente no fato de que aquela tése "convida ao repouso" e que "prometendo o conforto compromete a energia". A lição de Gide é tudo quanto ha de mais oposto a esse **repouso** á que nos estimula a moral dos **Deracinés**, a essa "posse ciosa da felicidade" para empregar a linguagem expressiva e pitoresca das Nourritures. **Familles! je vous hais! foyers clos; portes renfermées**... Essa lição concorda com a idéia de William Blake expressa em um dos aforismos que cercavam uma gravura de Laoconte impressa em 1817: "You must ecave fathers and mothers and houses and lands if they stand in the way of Art." Nada exprime melhor esse pensamento de Gide que a seu "tratado" **Le Retour de l'Enfant Prodigue** que ocupa por isso mesmo uma situação excepcional no conjunto de sua obra. Reproduzindo a parabola do Cristo, André Gide nos conta a chegada do filho prodigo "fatigado de sua fantazia e como que desencantado de si mesmo" ao jardim regado de agua corrente, mas fechado, onde ficava o lar paterno. Depois de muitas hesitações, faminto, não tendo na dobra do seu manto esfarrapado mais do que um punhado das bolotas que constituiam sua unica alimentação, ele decide-se a entrar apesar da desconfiança dos servos que correm a prevenir o amo.

"Sem duvida ele esperava o filho prodigo, pois ele o reconhece imediatamente. Seus braços se abrem; o filho então diante dele se ajoelha e escondendo sua fonte com um braço clama, levantando para o perdão sua mão direita:

— Meu pai! meu pai! peguei gravemente contra o céo e contra ti; não sou mais digno de que me chames; mas ao menos, como um de teus servidores, o ultimo a um canto de nossa casa, deixa-me viver...

Segue-se o festim que reproduz a cena da parabola e segue-se o capitulo da reprimenda paterna em que Gide resume o seu individualismo estetico.

A frase paterna é "Fóra da Casa não ha salvação para ti" e á pergunta, "Porque te evadiste da Casa?" responde o filho prodigo: "Porque a Casa me fechava." — **Parce que la maison m'enfermait. La maison ce n'est pas Vous, mon Pere.**

E embora a preguiça, a fome e talvez a covardia e a molestia o tivessem decidido a voltar ao lar paterno o filho ainda se lamenta. "O gosto selvagem das "bolotas doces ainda continua apezar de tudo em minha bôca".

Do mesmo modo que o pai havia dito: "Fóra da Casa não ha salvação", a reprimenda do filho mais velho ao herdeiro prodigo resume-se toda ela em uma resposta: "Porque eu estou na ordem, tudo quando dela se distingue é fruto ou semente de orgulho".

E a replica é a mesma: **"Eu sentia bem que a Casa não é todo o universo"**. "Eu imaginava a meu pezar outras culturas, outras terras com caminhos a percorrer, caminhos não traçados..."

Ao contrario do irmão mais velho o mais moço assemelhava-se bastante ao prodigo. "Ele é em tudo parecido com o que tu eras ao partir", disse-lhe a mãe. **A celui que tu etais, te dis-je nom pas encore helas! á celui que tu es devenu.**

No dialogo com o irmão mais moço, o filho prodigo instigado pela mãe procura impedir a sua partida. Entretanto acaba reconhecendo que ele proprio depois de partir "desejava parar, prender-se a alguma parte" e o "conforto" que alguem lhe propoz no caminho seduziu-o, e desse modo fóra obrigado a servir a amos demasiadamente duros. A duvida e não a fadiga o obrigára a tanto. Em seguida reconhece que a "sede" de seu irmão jovem é em tudo semelhante á que ele proprio procurava no deserto: "sede de que só um fruto não assucarado satisfaz".

Assim o filho prodigo não acha como impedir a partida do outro e acaba estimulando-a ou sustentando-a. Ele proprio partira levando todas as riquezas de que dispunha como herdeiro, todas as riquezas que pudesse transportar.

"Que me importam os bens que não se póde levar consigo?" havia dito ao pai durante a reprimenda.

Ao mais moço ao contrario não cabia nenhuma herança: "eú parto sem nada". O final do dialogo nos deixa suspensos como um drama de Ibsen:

— "Bem sabes que mais moço eu não tenho herança. Perto sem nada.

— E' melhor.

— O que olhas então?

— O jardim onde dormem nossos antepassados mortos.

— Meu irmão... (e a criança que se levantou do leito coloca em torno do pescoço do prodigo seu braço que se faz assim tão doce quanto a sua voz) — Parte comigo.

— Deixa-me! deixa-me! eu fico consolando nossa mãe. Sem minha companhia tu serás mais ousado. Agora é tempo. O céu empalidece. Parte sem ruido. Abraça-me irmão, tu levas todas as minhas esperanças. Sê forte: esquece-nos; esquece-me. Possas não voltar... Desce com doçura. Eu seguro a lampada...

— Ah! dá-me a mão até á porta.

— Cuidado com os degraus.

Esse curto "tratado" de algumas dezenas de paginas é talvez a mais significativa entre as obras de André Gide e como que o resumo e a explanação de todas elas. Explica suficientemente a razão por que a tése de Barrés e de certos egoistas chocou o seu espirito.

ANDRE' GIDE

(1) V. Pretextes — 8ª ed. — Mercure de France — Paris MCMXIX — pag. 21 e **Morceaux Shoisis** — Nouvelle Revue Française — Paris 1921 — pg. 93.

(2) E' curioso que Goethe tivesse tido a mesma idéia quando escreveu as **Afinidades Eletivas**. E é provavelmente a sua propria opinião que ele exprimia pela boca do personagem Mittler. A este, nada lhe parece "mais inhabil e barbaro do que as leis e as ordens proibitivas". Parecia-lhe inconcebivel e absurdo que no seu tempo ainda se obrigasse as crianças a decorar os mandamentos do Decalogo. O quinto, por exemplo, parecia-lhe abominavel. "Não matar". Como se alguem nutrisse o menor prazer em matar o seu semelhante". Póde-se matar alguem em um momento de irritação ou de precipitação. "Mas não é uma precaução barbara proibir ás crianças o homicidio?" Bastaria dizer-lhes: "Toma cuidado com a vida de teus semelhantes. Afasta o que lhes puder ser pernicioso; se tu mesmo lhes fôres pernicioso ataca tua propria vida para os salvar, etc..." Este sim, continua ele, é um mandamento digno de povos civilizados". **Goethe** — Poetisches und Prosaiche Werke — Il Baude — Stutgard in Tubingen — 1837 — pag. 117.

(3) Poucos anos mais tarde, o autor das **Nourriteurs Terrestres** exclama: "Não suspeitas Mystil, todas as fórmas que toma Deus: de muito olhar uma e de te enamorares dela, tu te cegas. A fixidez da tua adoração me aflige: eu a desejaria mais difuza. Atraz de todas as portas fechadas está Deus... Todas as fórmas de Deus são dignas de amor e tudo é a fórma de Deus".

(4) Poderia citar outros trechos igualmente sugestivos, como este por exemplo: "J'aimais l'étude du piano parce qu'il me semblait que je pouvais y progresser un peu chaque jour. C'est peut-être le secret du plaisir que se prends á lire un livre en langue etrangére". — **La Porte Etroite, pag. 214.**